

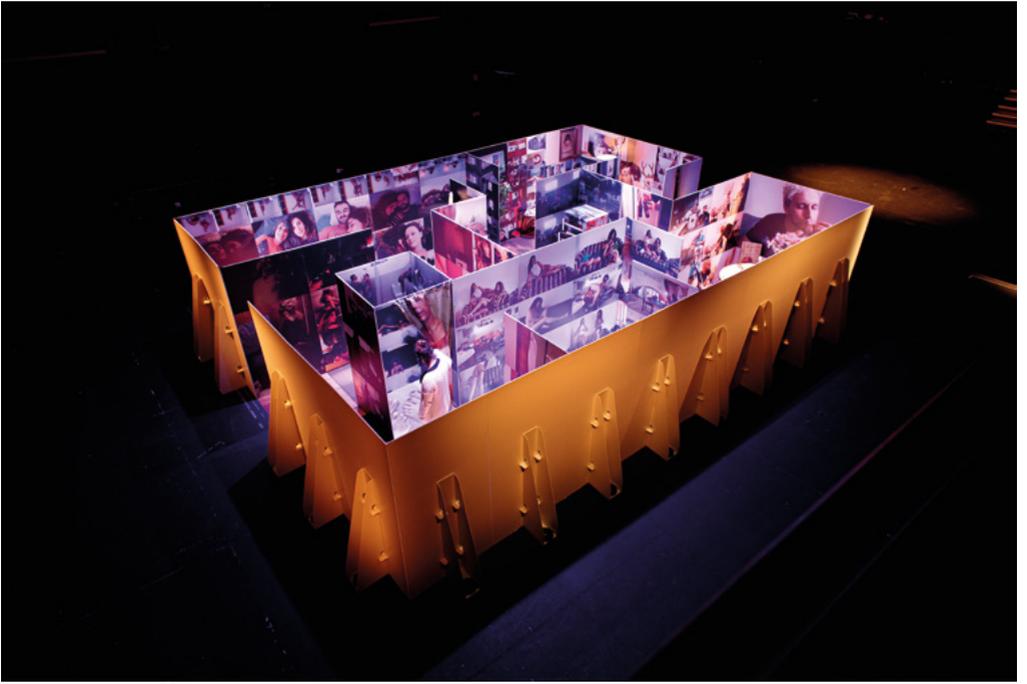
ESFERA E LABIRINTO

JOSÉ CAPELA

(EAAD-UM / LAB2PT / MALA VOADORA)

8

Muito haverá a dizer sobre as coleções da Raquel André — sobre a fronteira entre privacidade e exposição pública nelas explorada, sobre a sua hibridez enquanto obra de “artes performativas”, sobre o ato de colecionar enquanto arte, sobre coleções de pessoas feitas por artistas (lembro-me de Douglas Huebler, por exemplo), sobre



© Tiago de Jesus Brás

JOSÉ CAPELA

8

a relação entre eventos e registo, e sobre muitas outras coisas que este trabalho implica — mas eu não sou a pessoa mais habilitada a fazê-lo. Para responder a este simpático convite da Raquel, limitar-me-ei a referir-me à minha experiência enquanto cenógrafo da instalação ‘Coleção de Amantes’, na qual fui acompanhado pelo António Pedro Faria, e sobretudo à relação entre esta instalação e arquitetura.

1. IMAGENS DE CASAS

As imagens que os arquitetos divulgam dos seus projetos de habitação são muitas vezes contrárias à própria ideia de “habitar”. Os espaços surgem esvaziados do que poderiam ser marcas da vivência humana, muitas vezes até mesmo de móveis, e as figuras humanas, nas raras vezes em que são incluídas nas imagens, são reduzidas a vultos em movimento, desfocados, quase fantasmagóricos. Este facto coloca em evidência o antagonismo entre o modo como os arquitetos pensam nos espaços — desejavelmente assépticos — e as vicissitudes do quotidiano, assim remetidas para o âmbito da adversidade. Sonha-se com um mundo impoluto, para o qual se criam formas também impolutas.

Quando a Raquel me convidou para fazer uma casa com os milhares de fotografias que foi juntando como testemunho dos seus encontros com “amantes”, lembrei-me desta dicotomia espaço/vivência. Também as fotografias da Raquel mostram invariavelmente espaços

JOSÉ CAPELA

8

domésticos, mas, ao contrário das fotografias de arquitetura a que estava a referir-me, aqui os espaços apresentam-se tal como são na realidade: como suportes para aquilo que neles acontece. Eles surgem a ser usados para comer, tomar banho, estar sentado ou deitado a conversar, para a intimidade, para a diversão. Estão atrás daquilo que acontece.



© Tiago de Jesus Brás

JOSÉ CAPELA

8

Usar estas fotografias da Raquel para, com elas, montar uma casa significava, portanto, colocar em diálogo dois tipos diferentes de espaços: os das casas dos encontros, representados nas fotografias, e os novos espaços que iríamos criar para serem usufruídos pelo público da instalação. Através destes últimos, as pessoas iriam ter acesso a um testemunho visual dos primeiros, entretanto remetidos para o campo das memórias da Raquel e dos seus amantes. Em rigor, o que resultou deste trabalho não foi uma “exposição”, mas sim uma “instalação”. Não se criou um dispositivo para, sobre ele, se mostrar as fotografias; criou-se, sim, uma casa feita de imagens. Paredes, chão, móveis, pratos, canecas, guardanapos, roupa de cama, almofadas, a cortina do duche, a bancada da cozinha, o frigorífico, candeeiros, peças sanitárias... — tudo foi feito de fotografias.

2. QUADRICULADO E MEMÓRIA

Apesar de a matéria prima para construir esta casa ser visual (tanto quanto é possível separar uma imagem do seu suporte), tivemos de confrontar-nos com a construção propriamente dita — com um tipo de construção mais próximo do dos arquitetos. Era importante garantir que fosse fácil montar e desmontar a exposição, bem como transportá-la, pelo que resolvemos construir todas as paredes recorrendo a um sistema modular, ou seja, um sistema no âmbito do qual as formas são compostas através da combinação variável de elementos semelhantes, como um “Lego”. Optámos por usar

JOSÉ CAPELA

8

painéis com um metro de largura e dois metros de altura, empilháveis e embaláveis, e associáveis sobre um pavimento organizado em quadrados de um metro por um metro. Recorremos

assim a um modo de criar espaços com múltiplos antecedentes históricos, entre os quais: (1) os tatamis (com origem no século VIII) a partir dos quais se deduz a forma das casas tradicionais



© DR

JOSÉ CAPELA

8



© DR

JOSÉ CAPELA

8

japonesas — uma prática que remonta ao século XVI; (2) mais tarde, na Europa, a adoção de matrizes quadriculadas no âmbito da sistematização neoclássica da arquitetura; e (3) os sistemas de pré-fabricação de era industrial, iniciados no final do século XVIII, com grande desenvolvimento com vista à criação de grandes espaços e infraestruturas no século XIX, e explorados pelos arquitetos modernistas em programas de habitação democrática no século XX.

São histórias de racionalidade. Deve referir-se, contudo, que a racionalidade do sistema modular não visou, para nós, a criação de espaços simples, clarividentes, mas sim de um labirinto. Os painéis foram usados para inventar um espaço com alusão às funções tradicionais de uma casa — cozinha, sala de jantar, sala de estar, quarto, quarto de banho e escritório — que, no seu conjunto, se ligavam num percurso contínuo e labiríntico. O sistema é matemático, mas o uso do sistema visou a desorientação. Desta nossa opção para a instalação da ‘Coleção de Amantes’, resultou um triângulo entre a racionalidade do sistema modular, rigorosamente cartesiano, a qualidade emocional das imagens e, enfim, a experiência espacial do labirinto. Ao mesmo tempo, poderá encontrar-se um paralelismo entre a natureza labiríntica do espaço e as centenas de fotografias — (1) também elas causadoras de alguma desorientação devido à sua presença excessiva e (2) todas elas parte de um universo tão labiríntico como a memória.

JOSÉ CAPELA

8

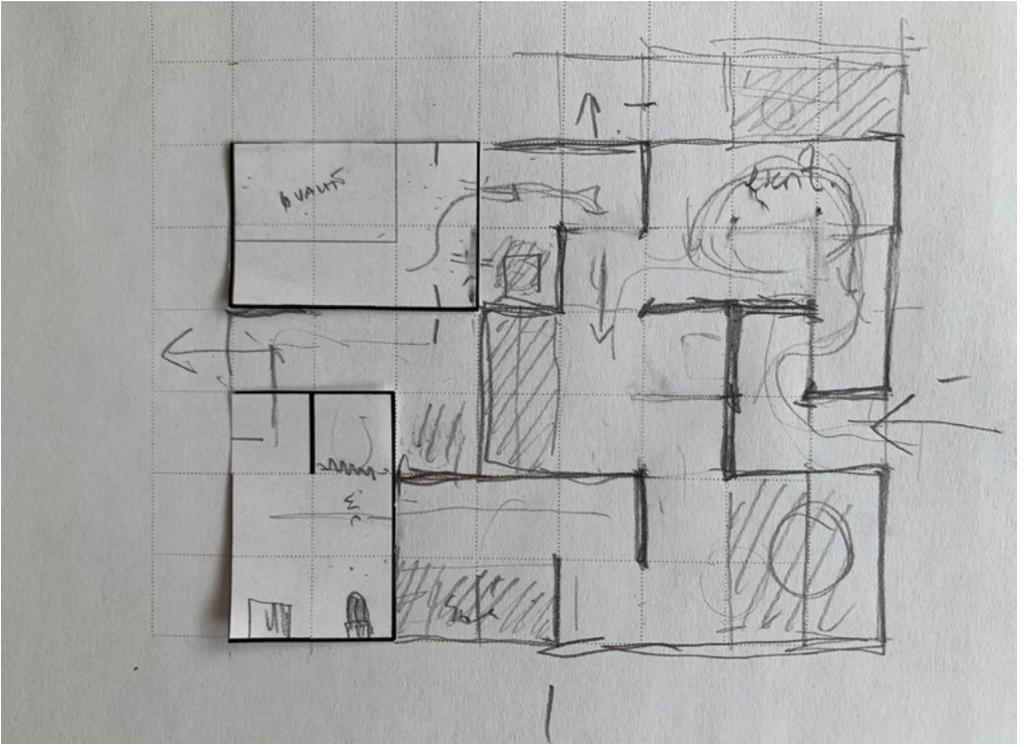
Apesar de este projeto não poder ser identificado como sendo “arquitetura”, parece-me mais interessante pensar numa casa a partir desta complexidade espacial e emotiva, do que a partir de uma qualquer pureza formal.



© Tiago de Jesus Brás

JOSÉ CAPELA

8



JOSÉ CAPELA

8

3. CENOGRAFIA

Talvez por reação à virtualização da fotografia própria das redes sociais e dos programas de edição de imagem, ou talvez porque a tecnologia digital evoluiu no sentido de poderem criar-se fenómenos virtuais 3D no espaço, o discurso sobre cenografia encheu-se há alguns anos da palavra “imersivo”. Trata-se de um regresso a uma “cenografia de entretenimento dos sentidos” em muitos aspetos semelhante ao auge do ilusionismo cénico dos palcos à italiana, ou seja, de um regresso àquilo a que Brecht chamou “teatro burguês”. Pessoalmente, estou mais interessado na reconsideração das imagens face a este novo contexto de virtualização e, designadamente, naquilo a que se tem chamado “fotografia pós-internet”: o regresso da fotografia à sua condição material e espacial. Julgo que posso inscrever esta experiência de trabalho com as fotografias da Raquel e dos seus amantes a um âmbito semelhante a esse — o da fotografia “pós-internet”. E essa conduziu-nos a um objeto ambíguo, feito de imagens (como a cenografia clássica) e, simultaneamente, imersivo.

JOSÉ CAPELA

8



© Tiago de Jesus Brás

JOSÉ CAPELA

8